

## APRESENTAÇÃO

Com o avanço das novas tecnologias, a produção colaborativa entre pares ganhou destaque na era digital. Através do *peer to peer* (P2P), pessoas passaram a se conectar umas às outras em busca de um valor comum, partindo do local ao global. Grandes projetos “sem organização hierárquica tradicional ou compensação financeira”, como classificou Bauwens (2012), puderam se tornar realidade sem o envolvimento do Estado, com autonomia e empoderamento dos envolvidos no processo. Mas, será que a maioria dos cidadãos se apropria desta possibilidade ou se deixa ficar à margem ou é até envolvida no processo, mas manipulada por grandes empresas?

O pesquisador Jean Lievens, em seu artigo “Can Capitalism reform itself and move towards a P2P society? ”, analisa os paradigmas das mudanças P2P a partir de duas críticas feitas ao primeiro livro holandês sobre P2P, “Save the World”, de Michel Bauwens: “a viabilidade de renda básica incondicional dentro do sistema presente e a possibilidade de mudar gradualmente para uma sociedade P2P sem ‘derrubar’ o Capitalismo”. Dá como pistas o uso do código aberto e da Internet.

A partir da análise de uma das obras de Michel Bauwens, o segundo artigo da revista traz Bauwens falando sobre “P2P revolution and commons phase transition: notes on the nature of the revolution in the p2p/commons epoch”. Mostra-se a relação entre os conceitos revolução e fase de transição a partir do P2P e do Commons, ou seja, dos Comuns. É interessante para o leitor entender como se pode analisar o processo de transição do sistema dominante, as estruturas sociais, a crise do capitalismo neoliberal e a importância da produção entre pares, das novas formas políticas e das mobilizações sociais.

Femke Kaulingfreks e Ruud Kaulingfreks com o artigo “Open-access communism” trabalham a ideia de “commons” (Comuns) nos grupos que têm com base a Internet, mostrando iniciativas construídas com a filosofia de livre acesso a todos, uma vez que possuem características organizacionais que se tornam adequadas na busca de novas alternativas políticas e mais democráticas.

No mesmo caminho do que se chama de Comunismo no Capital, Michel Bauwens e Vasilis Kostakis trazem a análise “From the Communism of capital to capital for the commons:

towards an open co-operativism”. Sob olhar crítico, questionam o movimento cooperativo com empresas que têm trabalhadores que sofrem vulnerabilidades estruturais e as iniciativas abertas que têm redes comuns de conhecimento, mas são dominadas por multinacionais. Para os autores, “quanto mais comunista o compartilhamento sob a mesma licença usado no processo colaborativo (peer production) de software livre ou hardware aberto, mais capitalista é a prática”. Para enfrentar o desafio, sugerem a convergência de modelos.

Ariane Durce Maciel, com o artigo “O lugar das mulheres: gênero e inclusão digital”, faz um panorama das conquistas femininas, identificando as diferenças de gênero no uso e apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) “como ferramenta de aumento da cidadania das mulheres na busca da igualdade entre os gêneros”. A pesquisa mostra o confronto entre inclusão e exclusão social e como a luta das mulheres brasileiras permite que hoje as jovens “se deparem com um ambiente mais igualitário em relação às oportunidades abertas pelo acesso à rede mundial de computadores”.

Os pesquisadores Patrícia Mallmann Souto Pereira e Valdir Jose Morigi fecham a revista analisando as “políticas públicas de inclusão digital em um contexto comunitário de favela e a questão da vigilância urbana na contemporaneidade”. Analisam o caso dos moradores da favela Santa Marta, do Rio de Janeiro (RJ), a partir das teorias defendidas por Bauman sobre formas sociais, comunidade, valores de solidariedade e o individualismo na sociedade contemporânea. Registram que “o contexto de mudança do espaço urbano da favela, com reflexo nas relações sociocomunitárias e que conduz à noção da vigilância e da insegurança, produz uma alteração no comportamento dos movimentos comunitários locais”.

Vale a pena conferir. Boa leitura!

Eula D.T.Cabral.